

XIRAN JAY ZHAO



VIÚVA
DE
FERRO


intrínseca

XIRAN JAY ZHAO

VIÚVA
DE
FERRO

TRADUÇÃO DE CAROLINE CHANG



Copyright do texto © 2021 by Xi Ran Zhao

Arte de capa © 2021 by Ashley Mackenzie

Publicado em acordo com Penguin Random House Canada Young Readers, uma divisão de Penguin Random House Canada Limited.

TÍTULO ORIGINAL

Iron Widow

PREPARAÇÃO

Angélica Andrade

Thais Entriel

REVISÃO

Carolina Vaz

Thaís Carvas

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira | Equatorium Design

DESIGN DE CAPA

Talia Abramson

DIREÇÃO DE ARTE

Terri Nimmo

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Z61v

Zhao, Xiran Jay

Viúva de Ferro / Xiran Jay Zhao ; tradução Caroline Chang. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022

480 p. ; 21 cm. (Viúva de Ferro ; 1)

Tradução de: Iron widow

ISBN 978-65-5560-531-0

1. Ficção chinesa. I. Chang, Caroline. II. Título. III. Série.

22-75327

CDD: 895.13

CDU: 82-3(510)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

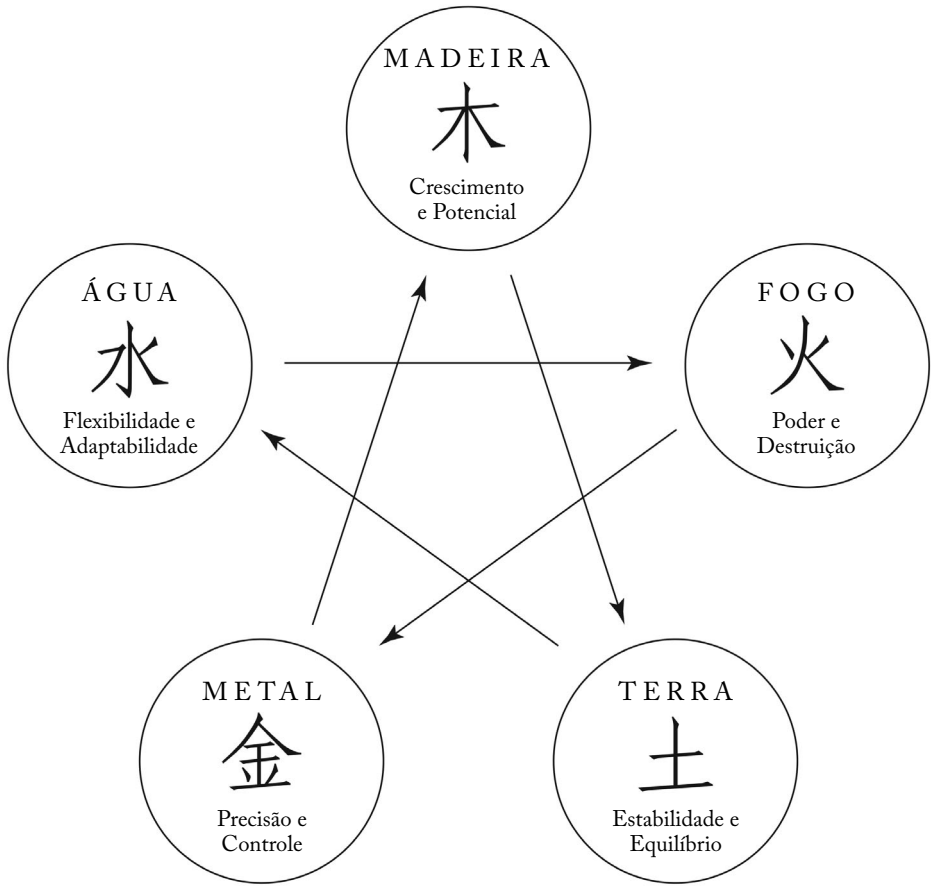
22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

Atenção: este livro contém cenas de violência e abuso, ideação suicida, alcoolismo e tortura, além de discutir e fazer referências a situações de assédio sexual (embora não haja descrições explícitas no enredo).

Viúva de Ferro não é uma fantasia histórica nem se trata de uma história alternativa; é, na verdade, uma história futurista, que se passa em um mundo totalmente diferente, inspirado em elementos da história chinesa, e que apresenta figuras históricas recriadas em circunstâncias de vida muito distintas. Liberdades criativas consideráveis foram tomadas na recriação desses personagens, tais como alteração de seu contexto familiar e idade, uma vez que o objetivo da obra não é a precisão quanto a uma época específica. Para ter uma visão autêntica da história da China, consulte fontes de não ficção.



—————→ VANTAGEM SOBRE

PRÓLOGO

Os hunduns estavam a caminho. Uma manada inteira deles, ribombando pelas planícies e levantando uma tempestade negra de poeira noite adentro. Seus corpos circulares, desprovidos de rosto e feitos de metal primordial, cintilavam sob a meia-lua prateada e o céu cravejado de estrelas.

Um piloto menos experiente teria que subjugar o próprio medo para travar uma batalha com eles, mas Yang Guang não se abalou. Na base de sua torre de observação, do lado de fora da Grande Muralha, ele chamou sua crisálida, a Raposa de Nove Caudas, à ação. Era tão alta quanto um prédio de sete ou oito andares, com uma superfície verde áspera. Suas garras metálicas esmagavam a terra, fazendo-a tremer.

Uma crisálida não era uma máquina de guerra qualquer. Yang Guang não a manobrava a partir de volantes ou alavancas, como faria com uma carruagem elétrica ou um aerobarco. Não, ele *se tornava* a máquina. Enquanto seu corpo mortal ficava instalado no cockpit, com os braços em volta da piloto-concubina que ele tivesse levado à batalha daquela noite, sua mente

comandava psiquicamente todas as partes da Raposa de Nove Caudas, fazendo-a investir contra a manada que se aproximava no horizonte. Ao longe, de ambos os lados, também avançavam as silhuetas de outras crisálidas em ação.

Com o auxílio de agulhas de acupuntura tão finas quanto fios de cabelo, que saltavam ao longo do assento de piloto e penetravam sua coluna, Yang Guang canalizava o *qi*, sua força vital, para energizar a Raposa. *Qi* era a essência vital que sustentava tudo no mundo, do brotar de pequenas folhas ao flamejar do fogo e à revolução do planeta. Ele não apenas colhia o próprio *qi*, como também penetrava no elo psíquico da crisálida e sugava o *qi* de sua piloto-concubina. A mente dela não era forte o suficiente para apresentar qualquer resistência e perdia-se profundamente na mente dele. Fragmentos de lembranças da piloto fluíam através dele, mas Yang Guang fez o possível para ignorá-los. Era melhor não saber muito sobre suas concubinas. Só precisava da adição do *qi* dela ao seu, o que multiplicava sua pressão vital, possibilitando que ele comandasse uma crisálida tão imensa.

Alguns poucos hunduns comuns chegaram até Yang Guang primeiro, como imensos besouros de metal ansiosos para entrar na Raposa e matá-lo. Suas cores variadas pareciam opacas sob a luz das estrelas. Mas alguns se iluminaram, lançando de seus corpos *qi* em forma de rajadas luminosas e raios crepitantes, suas principais armas. Se Yang Guang os enfrentasse como humano, teriam se avultado ao tamanho de casas e o vaporizado de imediato, mas, quando ele pilotava a Raposa, os hunduns eram pequenos demais para machucá-lo. Quando os esmagava com as garras da Raposa, emoções desconhecidas irradiavam por seu corpo — tristeza, horror e raiva, tão turbulentos quanto energia estática. Ele não sabia como, exatamente, as crisálidas

eram feitas a partir da casca de hunduns — apenas os engenheiros que ocupavam posições da mais alta hierarquia eram autorizados a ter esse conhecimento —, mas mesmo séculos de aprimoramento não tinham conseguido impedir os pilotos de sentirem seja lá o que fosse que os hunduns sentiam quando sua casca era atravessada.

Os pilotos não falavam muito sobre o assunto em público, mas resistir a essas emoções era uma parte extremamente severa da batalha. Yang Guang era um dos pilotos mais poderosos precisamente porque conseguia se desvencilhar dessas distrações muito bem. Avançando no violento embate mental, ele não parava de socar os hunduns. As nove caudas da Raposa sibilavam e estalavam atrás dele como nove membros novos, golpeando os hunduns maiores com sons estridentes e ressoantes.

Yang Guang não tinha piedade. Os hunduns eram invasores vindos do cosmo que aniquilaram o ápice da civilização humana, cerca de dois mil anos antes, e reduziram a humanidade a tribos esparsas. Não fosse o Soberano Amarelo, um líder tribal lendário que inventara as crisálidas com ajuda dos deuses, a civilização humana nunca teria se recuperado e o planeta pertenceria aos hunduns.

Drones equipados com câmeras zuniam em torno da Raposa como moscas. Alguns pertenciam ao Exército de Libertação Humana, e outros eram de empresas de mídia privadas que veiculavam a batalha para toda a Huaxia. Yang Guang se mantinha hipervigilante, sem se permitir qualquer erro, para não frustrar os fãs.

— *Raposa de Nove Caudas, há um de categoria Príncipe na manada!* — gritou um estrategista do Exército pelos alto-falantes do cockpit da Raposa.

Yang Guang se pôs imediatamente em alerta. Um hundun categoria Príncipe era um oponente raro, de peso igual ao da Raposa. Se conseguisse abatê-lo causando o mínimo de dano, ele poderia ser transformado em uma nova crisálida categoria Príncipe ou ser ofertado aos deuses em troca de oferendas mais vultosas, como manuais de vanguarda de tecnologia ou de medicina. Além disso, a vitória o elevaria muito no ranking de batalha. Talvez ele finalmente ultrapassasse Li Shimin, aquele assassino condenado que não merecia ter o título de melhor piloto de Huaxia.

Para aumentar suas chances de vitória, Yang Guang precisaria mudar a Raposa para uma forma mais complexa.

— Xing Tian, me dê cobertura! — gritou para o companheiro mais próximo pela boca da Raposa, com o *qi* levando sua voz por todo o campo de batalha. — Vou me transformar!

— Entendido, coronel! — gritou Xing Tian, dentro do Guerreiro Sem Cabeça, uma crisálida com olhos amarelos brilhantes onde os mamilos deveriam estar e com uma boca cintilante no ventre. Ele aterrissou com força diante da Raposa, atingindo o enxame de hunduns com um machado de metal primordial. Eles morreram em meio a esguichos de luz.

Resguardado, Yang Guang lançou seu *qi* através da Raposa com a pressão vital mais forte que pôde gerar. Rachaduras raudiantes apareceram no exterior verde e áspero da Raposa.

As crisálidas podiam ser construídas a partir das cascas de hunduns, mas eram superiores sob todos os aspectos. Os hunduns eram tão estúpidos que não conseguiam liberar o potencial do próprio metal primordial de que eram feitos para se tornarem qualquer outra coisa que não bolhas redondas.

Mas os humanos conseguiam.

Yang Guang imaginou a Forma Humanoide da Raposa, e ela se metamorfoseou. Seus membros se tornaram finos e compridos, a cintura se retraiu e os ombros se elevaram para trás, deixando-a ligeiramente mais parecida com um humano. As nove caudas ficaram tão afiadas quanto lanças e se abriram num leque na base de suas costas, como raios de sol, do mesmo modo como verdadeiras raposas de nove caudas eriçavam os rabos para intimidar os inimigos. Yang Guang ergueu a Raposa, deixando-a ereta; com o *qi* elevando sua pressão vital ao máximo, ele tinha controle e habilidade suficientes para equilibrá-la sobre duas pernas, o que deixava as garras dianteiras da Raposa livres para usar uma arma.

Levando um dos braços às costas, Yang Guang envolveu uma das lanças da cauda da Raposa com uma garra e a arrancou. Correu pela manada agitada de hunduns de diferentes tamanhos até avistar o de categoria Príncipe, então se abaixou e pulou. A lança cortou a noite, arremessando um brilho de luar, antes de atravessar o corpo redondo do hundun, do qual brotavam seis pernas minúsculas de inseto. Metal primordial se fragmentou com um som espetacular, como se um armazém de porcelana estivesse indo pelos ares. Yang Guang se preparou para a onda de raiva e medo do hundun enquanto a luz do seu âmago alimentado pelo *qi* piscava.

As demais crisálidas que rechaçavam o mar de hunduns cintilantes comemoravam, felizes. Drones com câmeras davam zoom na casca do hundun de categoria Príncipe, e Yang Guang já imaginava os cidadãos comuns, atrás das telas, comemorando por toda a Huaxia. Cheio de empolgação, ele fez a Raposa se reclinar, tirando a lança do hundun. Porém, mesmo após remover o contato, um medo estranho permaneceu em sua mente.

Vinha de sua concubina, crescendo nele como uma onda.

Sabia, como de costume, que atingira o ponto em que a mente da concubina não conseguiria voltar ao próprio corpo. Subconscientemente, ele estava controlando tudo nela, até mesmo seu batimento cardíaco. No momento em que se desconectasse, não restaria nada para fazer o coração dela continuar batendo, e a concubina cairia no além. Não havia saída.

O importante era que sua família receberia uma bela recompensa. Sabendo disso, sua alma descansaria em paz na Fonte Amarela.

Ele não lembrava o nome da concubina. Tentava não lembrar. Já passara por tantas pilotos-concubinas que contá-las seria uma distração inútil. E ele não podia se dar ao luxo de se distrair. Tinha um mundo a proteger.

Ela sabia no que estava se metendo. Tomara a decisão de se alistar para ele.

Yang Guang se concentrou em esmagar e lancetar o restante da manada, garantindo aos fãs que a pátria deles continuaria segura.

O nobre sacrifício da concubina não seria em vão.

PARTE I

O CAMINHO DA RAPOSA

“Há uma espécie de criatura na montanha, com a aparência de uma raposa de nove caudas, cujo som é como o choro de um bebê. Ela se alimenta de carne humana.”

Clássico das montanhas e dos mares (山海经)

CAPÍTULO UM

UMA BORBOLETA QUE É MELHOR NÃO SER MINHA IRMÃ MORTA

Durante dezoito anos, minha monocelha me salvou de ser vendida para uma morte dolorosa e aterrorizante.

Hoje é o dia em que vou liberá-la de seu gentil serviço.

Bem, não *eu*. Yizhi é quem vai manipular as pinças que minha irmã deixou. Ajoelhado na esteira de bambu aberta sobre o solo úmido da floresta, ele ergue meu queixo enquanto arranca pelo por pelo. Minha pele queima como se estivesse se incinerando aos poucos. Os riachos pretos cor de nanquim de seu cabelo meio preso roçam em sua veste de seda pálida. Meu cabelo, bem mais opaco e ressecado, está preso em um coque frouxo sob um trapo sujo. Embora o trapo cheire à gordura, mantém as mechas soltas longe de meu rosto.

Tentei parecer indiferente, mas cometo o erro de olhar para as feições suaves e concentradas de Yizhi por tempo demais, tentando gravá-las na minha mente para ter algo a que me agarrar nos últimos dias de minha vida. Meu estômago se revira, e uma pressão quente inunda meus olhos. Tentar segurar as lágrimas só faz com que elas escurram pelo meu nariz. Sério, isso nunca funciona.

É óbvio que Yizhi percebe. Ele para tudo a fim de verificar qual é o problema, embora não tenha motivo para acreditar que seja qualquer coisa além de uma reação ao ataque a meus poros.

Não tem ideia de que esta é a última vez que nos veremos.

— Você está bem, Zetian? — sussurra, com a mão suspensa em meio ao redemoinho diáfano de umidade oriunda da cascata não muito distante do nosso esconderijo.

O riacho gorgolejante ao lado das árvores baixas sob as quais estamos aconchegados abafa sua voz, impedindo que nos descubram.

— Com certeza não vou ficar, se você continuar parando o tempo todo. — Reviro os olhos. — Vamos lá. É melhor acabar com isso de uma vez.

— Tudo bem.

Sua expressão contrariada se metamorfoseia em um sorriso que quase acaba comigo. Ele seca meus olhos com as mangas de seu requintado traje de seda, depois as recolhe novamente à altura dos cotovelos. São mangas de pessoas ricas, longas e largas demais para serem práticas. Faço piada sobre isso sempre que ele me visita. Embora, verdade seja dita, não seja culpa de Yizhi que seu pai não permita que ele — nem seus vinte e sete irmãos — saiam da propriedade da família vestindo qualquer coisa que não pertença a uma marca luxuosa.

Um sol cristalino, recém-saído após dias de chuva, adentra em feixes o nosso mundo secreto de umidade e folhas balançantes. Uma miscelânea de retalhos de luz e sombra mancha os antebraços pálidos de Yizhi. O cheiro exuberante e verde da primavera domina o ar, tão forte que sentimos seu gosto. Seus joelhos — ele se senta de forma empertigada e solene — mantêm uma pequena mas intransponível distância das minhas pernas,

dobradas de modo casual. Os trajés de seda sob medida contrastam absurdamente com a aspereza gasta de minha túnica e de minha calça, ambas feitas em casa. Até conhecê-lo, eu não fazia ideia de que um tecido podia ser tão branco e tão macio.

Ele começa a arrancar os pelos mais rápido. Dói bastante, como se minha sobrancelha fosse um ser vivo sendo desfiado aos poucos; é bem provável que eu chore de novo.

Gostaria de não precisar envolvê-lo nessa situação, mas sei que, depois de certo ponto, seria doloroso demais encarar meu reflexo e continuar fazendo isso eu mesma. Só conseguiria enxergar minha irmã mais velha, Ruyi. Sem o excesso de pelos que mantiveram baixo meu preço de mercado, vou me parecer muito com ela.

Além disso, não confio em mim para desenhar duas sobrancelhas iguais a partir da minha monocelha. Como vou me voluntariar para morrer se minhas sobrancelhas estiverem diferentes uma da outra?

Para me distrair da dor excruciante, rolo a tela do tablet no colo de Yizhi, lendo as anotações que ele fez na escola desde que me visitou no mês anterior. Cada rolagem parece mais escandalosa do que estar sozinha com ele em uma montanha longínqua, envoltos pela paisagem verdejante e pelo calor da primavera, respirando os mesmos redemoinhos espessos de ar terroso intoxicante. Os anciãos de minha aldeia dizem que garotas não devem tocar nessas invenções celestiais porque as macularíamos com, não sei, algo mau e feminino. Foi só graças aos deuses do céu que tecnologias como esse tablet foram reconstruídas após a época maldita em que a humanidade fugia dos hunduns. Mas não ligo se devo algo aos anciãos ou aos deuses. Se não me respeitam só porque faço parte da metade “errada” da população, eu é que não vou respeitá-los.

A tela brilha como a lua sobre os trajes de Yizhi, sombreados pelas folhas, me tentando com um conhecimento que não devo possuir, um conhecimento muito além de minha miserável aldeia nas montanhas. Artes. Ciências. Hunduns. Crisálidas. Meus dedos estão coçando para aproximar mais o tablet, embora nem ele nem eu possamos nos mexer — um cone de luz neon está saindo de uma reentrância no aparelho, projetando as sobranceiras matematicamente ideais no meu rosto. Yizhi e suas maravilhosas engenhocas da cidade nunca decepcionam. Ele lançou mão do aparelho poucos minutos depois de eu mentir sobre a minha família ter me dado “um ultimato” a respeito da monocelha.

Pergunto-me se ele vai me odiar muito depois que descobrir o que está realmente me ajudando a fazer.

Uma gota trêmula cai dos galhos sobre nós, salpicando sua bochecha. Ele está tão concentrado que nem percebe. Com as costas da mão, limpo a pequena marca úmida em seu rosto.

Seus olhos se arregalam num sobressalto. A cor brota na pele bem cuidada, quase transparente.

Abro um sorriso involuntário e viro a mão para tocar seu rosto com a ponta dos dedos.

— Ora, ora. Minhas novas sobranceiras já estão irresistíveis?

Yizhi solta uma risada mais alta do que o normal, cobre os lábios com os dedos e olha ao redor, embora estejamos bem escondidos.

— Pare — diz, mais baixo, com a risada ficando leve como uma pluma. Ele desvia do meu olhar. — Deixe-me trabalhar.

O calor crescente e inegável em suas faces me inflige um pouco de culpa.

Conte a ele, minha mente pede.

Mas só afasto a mão do modo mais despreocupado possível e passo para outra parte das anotações escolares, um tópico de estudos sociais sobre as dinâmicas estatísticas dos ataques de hunduns.

Por que eu deveria colocar em risco minha missão e contar a verdade a ele? Independentemente de como Yizhi encara nossa relação, eu nunca cometi o erro de levá-la a sério demais. Ele é filho do homem mais rico de Huaxia, e eu sou só uma garota da fronteira que ele conheceu por acaso enquanto aproveitava um momento de paz e tranquilidade no lugar mais distante que conseguiu alcançar em sua bicicleta flutuante. Se alguém nos pegasse juntos, não era ele quem seria enfiado em uma grande gaiola e afogado em nome da honra da família, mesmo que nunca tenhamos cruzado nenhum limite proibido.

Minha atenção vagueia até seus lábios, perdendo-se nas curvas delicadas, e sou levada de volta ao dia em que expressei em voz alta meu fascínio por eles, sobre como pareciam macios. Ele admitiu que aquilo se devia a uma rotina de esfoliação de quatro etapas e hidratação, e eu chorei de tanto rir enquanto tocava seus lábios. De repente, fiquei séria, encarando-o, perto demais.

Então recuei de imediato e mudei de assunto.

Uma parte de mim, em carne viva, frágil, dói quando penso no que nunca terei com Yizhi, mas não desconsidero — nem poderia — a possibilidade de que tudo isso seja apenas um jogo para ele. De que não sou a única garota camponesa que ele visita nos dias livres. De que no primeiro momento após eu ceder, ele recolocaria o cinturão de seda de seu traje impecável e riria da minha cara, riria do fato de algo significar tão pouco para ele e, ao mesmo tempo, ser uma questão de vida ou morte para mim.

No entanto, eu ainda ficava hipnotizada por seus sorrisos doces e suas palavras sussurradas.

Talvez minha cautela tenha sido o que tornou tudo isso ainda mais excitante, o que o fez aparecer todo fim de mês nos últimos três anos.

Nunca saberei seus verdadeiros motivos. Tudo bem. Desde que eu não ceda às emoções, não perderei qualquer jogo que possamos estar jogando.

Embora, para ser realista, mesmo se minha aldeia inteira desse de cara com a gente neste exato segundo, minha família não me afogaria, não agora. Estou finalmente fazendo o que eles querem: me embelezando para que possam me vender para o Exército como piloto-concubina. Exatamente como fizeram com minha irmã.

É óbvio que eles não sabem nada sobre meus planos mais grandiosos e letais.

Enquanto Yizhi passa para a linha inferior das sobrance-lhas, meu dedo paira sobre a imagem de uma batalha de crisálidas e hunduns nas anotações de aula dele. A crisálida, a Tigre Branco, parece tão definida e de cores tão vivas que ninguém jamais imaginaria que um dia fora a casca redonda e insípida de um hundun. Representada na Forma Heroica, sua mais gloriosa transformação, parece um tigre guerreiro humanoide feito de vidro opaco e leitoso. As peças couraçadas são cortadas em linhas verdes e pretas radiantes, com as cores se borrando no movimento ao levantar um machado-punhal mais alto do que uma árvore. É uma das armas favoritas do Exército para anúncios oficiais, e na verdade me sinto confortável fitando-a. O par rapaz-moça mentalmente conectado à crisálida são um Par Equilibrado. O risco de a mente dele consumir a da garota e matá-la assim que a batalha terminar é baixo.

Diferente do que acontece com as pilotos fêmeas na maioria dos casos.

Foi assim que temi que a Irmã Mais Velha morreria quando nossa família a forçasse a se alistar para um piloto categoria Príncipe, o segundo mais poderoso do ranking. Mas ela nem sequer chegou ao campo de batalha. O piloto a matou da maneira tradicional, física. Por quê, não sei. Nossa família só recebeu de volta as cinzas. Faz oitenta e um dias que estão devastados... porque não receberam a grande recompensa por morte heroica com a qual estavam contando.

É engraçado. Irmã Mais Velha passou a vida toda sendo *cuidada*.

Quando Ruyi vai se casar?

Ou Ruyi vai se alistar?

Será que Ruyi tem pegado sol demais? Está ficando meio escura.

Mas assim que a notícia de sua morte se espalhou, ninguém mais a mencionou. Ninguém sequer perguntou o que fiz com as cinzas. Apenas Yizhi e eu sabemos que ela foi levada pelo córrego ao nosso lado. Um segredinho de nós três.

Encaro uma crisálida de borboleta pendurada em um galho atrás de Yizhi. As crisálidas de batalha foram chamadas assim por causa destas, pois se diz que os pilotos mortos reencarnam como borboletas. Se for verdade, estou torcendo muito para que esta não seja a minha irmã. Espero que ela tenha ido para longe, muito longe daqui, para um lugar que não possa ser invadido por anciões vingativos, fofoqueiros barulhentos, parentes gananciosos e pilotos de merda.

Já faz um tempo que uma borboleta em vias de nascer está se agitando dentro da crisálida, livrando-se da camada mais superficial. Agora, finalmente, rompeu a membrana. Emerge,

com a cabeça para baixo. Antenas aparecem, contorcendo-se. No *grand finale*, ela se livra por completo da crisálida, como uma flor em botão.

Borboletas são comuns nestas florestas, então não se trata de um acontecimento tão especial.

Só que, quando esta borboleta abre as asas, os padrões não combinam.

— Opa! — Eu me aprumo.

— O que foi? — Yizhi olha para trás.

— Aquela borboleta tem duas asas diferentes!

Yizhi também fica surpreso, o que significa que não se trata de um fenômeno normal que desconheço porque sou uma camponesa da fronteira. Ele me informa que minhas sobrancelhas estão quase prontas, então ergue o tablet para fazer um vídeo bem de perto da borboleta.

Nossos olhos não nos enganaram. Uma asa é preta com um ponto branco, e a outra é branca com um ponto preto — como o símbolo do yin-yang. Essas borboletas receberam esse nome exatamente por esse motivo, mas eu nunca tinha visto uma com uma asa yin e outra yang.

— Como isso aconteceu? — pergunto, boquiaberta.

O sorriso de Yizhi se amplia.

— Você sabe o que fazer quando tem perguntas.

— “Procurar.” Entendi.

Abro o buscador no tablet de Yizhi, como ele me ensinou a fazer. Não é difícil de usar — só preciso digitar as palavras-chave da pergunta, mas é surreal e assustador usar apenas alguns cliques para acessar todo o conhecimento que os eruditos das cidades reconstruíram a partir de manuais enigmáticos que os deuses jogavam em nós sempre que fazíamos oferendas satisfatórias.

Semicerro os olhos, concentrando-me nos textos acadêmicos que surgiram nos resultados da busca. São bem mais difíceis de ler do que as anotações de Yizhi, mas estou determinada a entendê-los sozinha.

— Aparentemente, ter asas diferentes significa que uma borboleta é... macho e fêmea ao mesmo tempo. — Minha expressão atônita se desfaz. Fico boquiaberta de novo. — Isso é possível?

— Ah, sim. O sexo biológico apresenta todos os tipos de variações na natureza. — Yizhi engatinha a meu lado sobre a esteira de bambu, juntando e afastando seus trajés da terra cinza. — Existem até criaturas que podem mudar de um sexo para outro dependendo de suas necessidades.

— Mas eu pensei... — Hesito, confusa. — Pensei que fêmeas fossem fêmeas porque seu *qi* primordial é yin, e que machos fossem machos porque seu *qi* primordial é yang.

Yin e yang representam as forças opostas que agem para dar vida ao universo. Yin é tudo que é frio, escuro, lento, passivo e feminino. Yang é tudo que é quente, luminoso, rápido, ativo e masculino.

Ou pelo menos foi o que minha mãe disse.

Yizhi dá de ombros.

— Acho que nada é assim tão rígido. Sempre tem um pouco de yin no yang e um pouco de yang no yin. Está no símbolo. Agora que estou pensando sobre o assunto, tenho certeza de que há até mesmo casos em que humanos nascem como essa borboleta, quando não se pode determinar direito qual é seu sexo.

Meus olhos se arregalam mais ainda.

— E qual seria o assento dessas pessoas, caso virassem pilotos?

Toda crisálida tem o mesmo arranjo de assentos. As garotas ocupam o assento mais baixo, yin, e os rapazes ficam no assento um pouco mais alto atrás, colocando os braços ao redor das garotas.

Yizhi dá um tapinha na esteira de bambu e arqueia as belas sobrancelhas, pensativo.

— O assento do gênero com que mais se identificam?

— O que isso significa? Em que ponto um assento pararia de funcionar nesses casos? — protesto. — Por que o gênero importa tanto para o sistema, afinal de contas? Pilotar não é uma coisa inteiramente mental? Então por que é sempre a garota que precisa ser sacrificada para se obter energia?

— Eu... não sei.

Procuro uma resposta decente para a questão no tablet, mas me deparo com uma caixa de aviso vermelha.

ATENÇÃO

PERMISSÃO NÃO CONCEDIDA

RESULTADOS RESTRITOS

— Ah, não é permitido procurar coisas relacionadas à construção de crisálidas. Não podem deixar as pessoas construírem unidades piratas. — Yizhi pega o tablet.

Deixo o aparelho deslizar para longe de minhas mãos. Fico olhando para a borboleta com asas yin e yang.

Fêmea. Esse rótulo nunca fez nada por mim a não ser ditar o que posso e não posso fazer. Não ir a qualquer lugar sem permissão. Não mostrar pele demais. Não falar alto demais nem de forma brusca demais, ou mesmo falar, se os homens estiverem conversando. Não viver a vida sem estar constantemente preocupada

se estou agradável ou não aos olhos dos outros. Nenhum futuro a não ser expelir filho após filho para um marido, ou morrer em uma crisálida para dar a algum rapaz a chance de alcançar a glória.

É como se eu estivesse dentro de um casulo apertado demais para tudo que sou. Se as coisas fossem do meu jeito, eu existiria como aquela borboleta, sem dar aos passantes uma oportunidade fácil para me limitarem com um simples rótulo.

— Yizhi, você acha que as garotas são naturalmente predispostas a se sacrificarem? — pergunto, num murmúrio.

— Bem, isso não pode ser verdade, porque você é uma garota e jamais faria isso.

— Ei! — Uma risada irrompe da minha melancolia.

— O que foi? Falei alguma mentira? — Ele apoia as mãos nos quadris, balançando as mangas do traje.

— Tem razão. Não falou, não.

Eu relaxo e abro um sorriso, que aos poucos esmorece.

Eu não viveria nem sofreria por outra pessoa, mas morreria para vingar minha irmã.

Yizhi sorri, distraído.

— Mas, falando sério: não tem nada errado em valorizar a própria vida. Em lutar por aquilo que quer. Acho admirável.

— Uau — falo, com uma bufada indiferente. — Minhas sobrancelhas estão tão encantadoras assim?

Yizhi ri.

— Não tenho coragem de mentir para você, então vou ter que admitir: você realmente é bem mais bonita do jeito convencional. — O sorriso dele se abranda. Seus olhos brilham na sombra fragmentada como lagos à noite, refletindo as estrelas. — Mas você ainda é a Zetian que eu conheço. Acho que é a garota mais deslumbrante do mundo, não importa sua aparência.

Meu coração se aperta e se despedaça.

Não posso fazer isso. Não posso ir embora sem contar a verdade.

— Yizhi — falo, em uma voz sombria como fumaça.

— Me desculpe, eu fui... Ah, não. Foi estranho demais? — Uma risada ecoa dele. — Numa escala de “um” a “homem-mais-velho-que-pede-para-você-sorrir-para-ele”, quão desconfortável deixei você?

— *Yizhi*. — Seguro suas mãos, como se o gesto pudesse prepará-lo para o que está por vir.

Ele fica em silêncio, encarando, confuso, nossas mãos unidas.

Então eu digo:

— Vou me alistar como piloto-concubina.

Seu queixo cai um pouco.

— Para qual piloto?

Abro a boca, mas não consigo pronunciar o nome daquele maldito.

— Para *ele*.

Ele me estuda.

— Para *Yang Guang*?

Faço que sim com a cabeça, sentindo que todo o sangue se esvaiu de meu rosto.

— Zetian, ele matou sua irmã!

— É por isso mesmo que vou me alistar. — Afasto as mãos de Yizhi e pego um longo grampo de madeira do meu coque, envolto em farrapos. — Vou ser a bela e abnegada concubina dele. E depois... — Arranco o grampo de cabelo, mostrando a ponta afiada — ... vou cortar sua garganta enquanto ele estiver dormindo.

Em Huaxia, a maior honra concedida a uma garota é sua escolha para a função de piloto-concubina, servas conectadas a pilotos homens para juntos fornecerem energia vital às crisálidas — máquinas de guerra gigantes que protegem a humanidade dos alienígenas além da Grande Muralha. Essa conexão mental tão intensa e poderosa entre piloto e concubina com frequência leva as jovens à morte, garantindo à família delas uma recompensa financeira do Estado. Aos dezoito anos, Wu Zetian se alista como concubina com apenas um objetivo em mente: vingança.

Seu plano é matar o piloto que tirou a vida de sua irmã, mas a situação toma um rumo brutal e inesperado, e Zetian recebe um título muito temido: Viúva de Ferro, uma mulher que, ao contrário do esperado, suga a energia dos homens nas crisálidas e os leva à morte.

Numa tentativa de minar suas habilidades mentais extremamente poderosas, o exército a pareia com Li Shimin, o piloto mais forte e controverso de Huaxia, um guerreiro que nunca erra seu alvo. Mas agora que Zetian sabe do que é capaz, não vai recuar tão facilmente, usando todas as suas armas para sobreviver e destruir de uma vez por todas um sistema que despreza a vida de meninas e mulheres.

Em *Viúva de Ferro*, Xiran Jay Zhao constrói com maestria um universo audacioso e original, unindo ficção científica, fantasia e elementos da história chinesa ao reimaginar a jornada da primeira e única imperatriz da China, Wu Zetian, em um futuro distópico, ameaçador e eletrizante.

SAIBA MAIS

www.intrinseca.com.br/livro/1132